



**Eixo: Serviço Social, fundamentos, formação e trabalho profissional**

**Sub-eixo: Fundamentos históricos e teórico-metodológicos**

## **SERVIÇO SOCIAL E O CONSERVADORISMO PÓS-MODERNO**

**BRUNA DA COSTA MELLO<sup>1</sup>**  
**LUIS EDUARDO ACOSTA<sup>2</sup>**

**Resumo:** Os maiores intelectuais do Serviço Social analisando as mudanças sociais ocasionadas a partir da crise de 1970 e apontando para os desafios do século XXI, indicam a possibilidade de um neoconservadorismo – de tipo pós-moderno - a lateralizar as conquistas obtidas na relação do Serviço Social com o pensamento marxista. Considerando o enrobustecimento do neoliberalismo, torna-se evidente que essas alterações se aprofundaram. Considerando ainda o fato de que a teoria social sempre teve um papel fundamental para a construção da hegemonia ideocultural do capitalismo e que a pós-modernidade tem norteadado especialmente os quadros acadêmicos, compreendemos ser de substancial importância o estudo das possíveis novas facetas do conservadorismo, mediante uma análise ontológica e dialética.

**Palavras-chave:** serviço-social; neoconservadorismo; pós-modernidade

**Abstract:** The greatest Social Service intellectuals pointing to the challenges for the 21 st century, weaving an analysis already in the 1990s, indicate possibility of a neoconservatism - a conservatism of the postmodern type - to lateralize the achievements obtained in the relationship of Social Service with Marxist thought. Considering the conservatism enrobing, it becomes evident that these changes have deepened. Considering also the fact that social theory has always played a fundamental role in the construction of the ideocultural hegemony of capitalism, and that postmodernity has especially guided the cadres, we understand that the study of conservatism's the possible new facets by means of an ontological and dialectical analysis.

**Keywords:** social service; neoconservatism; postmodernity

### **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho objetiva compreender de que forma o aprofundamento do neoliberalismo se relaciona com o neoconservadorismo – pós-moderno - no Serviço Social. Para isso, consideramos substancial a análise da constituição do conservadorismo clássico - já que, segundo Escorsim (2011), o conservadorismo contemporâneo está arraigado ao conservadorismo clássico - e de que maneira ele se altera ao longo do tempo.

<sup>1</sup> Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: <mellobruna5@gmail.com>

<sup>2</sup> Professor com formação em Serviço Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Em sua forma clássica, o pensamento conservador manifesta um projeto restauracionista, porque correlato aos interesses dos beneficiários do Antigo Regime – nobreza fundiária e clero, como forma de reação à Revolução Francesa. Conquanto, com a chegada ao poder, a nova classe dominante, a burguesia, abandona a representação dos interesses da coletividade, em especial os da classe trabalhadora com quem fizera aliança. A partir de então, a burguesia afasta-se de seu posto de classe revolucionária, passando a atuar em prol de interesses próprios, particularistas, num posicionamento defensivo e assumindo uma postura de preservação das instituições sociais que instituiu. Como consequência, os valores progressistas por ela inaugurados, representados na cultura moderna, deixam de ser funcionais e necessitam ser remodelados a fim de subsidiarem a nova tarefa de manutenção do status quo. A partir de 1830 inicia-se um movimento conhecido como “o rompimento com a tradição progressista” (Coutinho 2010), “[...] para a burguesia, a questão que se punha era lateralizar os núcleos que na cultura ilustrada guardavam um potencial de crítica à sua dominação de classe.” (Escorsim, 2011, p.47) Assim, a classe burguesa tornada conservadora passa a imprimir seus esforços no sentido de combater potencialidades contestatórias, socialistas. Nesse sentido, é importante ressaltar que no primeiro momento o pensamento conservador é restaurador e antiburguês, havia um repúdio à revolução burguesa especificamente, e após a mudança referida por Lukács o pensador conservador passa a opor-se a qualquer revolução, torna-se contrarrevolucionário. Sua função social sofre é transformada, deixa de ser uma ferramenta ideal de luta e “*converte-se em subsidiário da defesa burguesa contra o novo protagonista revolucionário, o proletariado. Porém, a mudança da sua funcionalidade sócio-política afetarà, [...] a sua própria estrutura teórica*” (Idem, p.47), incorrendo no que Lukács denominou como a decadência ideológica da burguesia.

A pós-modernidade - que se constitui, dentre outros elementos, pela análise fragmentada do real, não ontológica, incorrendo numa superficialidade que não a permite ultrapassar as expressões empíricas do real, e, conseqüentemente corrobora para a afirmação da positividade da ordem do capital - conjugara dois momentos da decadência ideológica da burguesia, a

racionalidade miserável e o irracionalismo, a destruição da razão. A síntese dessa integração será um novo tipo de irracionalismo, o neo-irracionalismo, com a particularidade de um espraiamento que não se restringe mais à direita, tendo adentrado o campo ídeo-político da esquerda.

Embora haja semelhanças nas supracitadas formas de conservadorismo, o contemporâneo apresenta novos elementos que o distingue profundamente do clássico. A começar pelo fato dele não se apresentar como conservador, obscurecendo a sua raiz, bem como as suas ideias conservadoras.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 Decadência Ideológica**

A categoria da decadência ideológica da burguesia, desenvolvida por Lukács sob referência marxiana, expressa um processo histórico do pensamento filosófico em que as produções teóricas se desenvolvem a partir da dissolução de categorias centrais para a apreensão do real, incorrendo com isso, na tergiversação da realidade social, estando subjacente à manutenção da ordem burguesa.

Conforme Coutinho (2010), na história da filosofia burguesa, é possível identificar duas fases centrais. A primeira, a partir dos pensadores renascentistas até Hegel<sup>3</sup>, qualificada como um movimento progressista, que se pautava numa orientação de elaboração de uma realidade humanista e dialética. A segunda fase, decorrente da ruptura ocorrida entre 1830-1848<sup>4</sup>, configura-se o que ficou conhecido como decadência ideológica da burguesia, iniciada quando a burguesia toma o poder político e se estabelece o antagonismo de interesses entre ela e a classe operária - concretizada numa luta de classes. Esse processo incorreu no abandono das conquistas do período antecessor, como se sucedeu com as categorias do humanismo, do

---

<sup>3</sup> Netto (1994) referencia o sistema de Hegel como um paradigma para a razão moderna.

<sup>4</sup> Período decisivo para o fortalecimento do movimento operário frente ao acirramento das contradições desse modo de produção.

historicismo e da dialética<sup>5</sup>. Conforme Lukács (1992), a **decadência**, por ser acrítica, não ultrapassa a superfície dos fenômenos. Com isso, a burguesia assume uma nova tarefa ideológica, passando a negar e a reduzir a função da razão no conhecimento e na práxis.

Anteriormente, enquanto defensora do progresso social, a burguesia tinha na base de sua representação ideológica a possibilidade de conhecimento da realidade, tida como um todo racional, afirmando:

[...] claramente a subordinação da realidade a um sistema de leis racionais, capazes de serem integralmente apreendidas pelo nosso pensamento. Ao tornar-se uma classe conservadora, interessada na perpetuação e na justificação teórica do existente, a burguesia estreita cada vez mais a margem para uma apreensão objetiva e global da realidade; a razão é encarada com um ceticismo cada vez maior, ou renegada como instrumento do conhecimento ou limitada a esferas progressivamente menores ou menos significativas da realidade. [...] Entre o que a burguesia agora se apressava a abandonar estava, talvez em primeiro lugar, a categoria da razão. (COUTINHO, 2010, p.22)

No período da decadência, as contradições do sistema capitalista deixam de ser um estímulo para o desenvolvimento teórico e converte-se em um entrave para o alcance da verdade objetiva. A filosofia da decadência configura-se gradativamente num pensamento imediatista, que tem nas formas fetichizadas do real a sua centralidade. Essa fetichização ocorre quando não são alcançadas as condições necessárias para a superação da aparência e o alcance da essência. A aparência é convertida em fetiche por ser-lhe sugerida uma autonomia e universalidade que na verdade ela não possui.

Para Coutinho (2010), a “miséria da razão” se dá porque nesse processo de empobrecimento da razão, a racionalidade é reduzida a regras formais - “racionalidade formal” - que passam a ser impressas a todos os momentos da vida e os converte em algo irracional.

---

<sup>5</sup> “[...] o humanismo, a teoria de que o homem é um produto de sua própria atividade, de sua história coletiva; o historicismo concreto, ou seja, a afirmação do caráter ontologicamente histórico da realidade, com a consequente defesa do progresso e do melhoramento da espécie humana; e, finalmente, a razão dialética, em seu duplo aspecto, isto é, o de uma racionalidade objetiva imanente ao desenvolvimento da realidade (que se apresenta sob a forma de contrários), e aquele das categorias capazes de apreender subjetivamente essa racionalidade objetiva, categorias estas que englobam, superando, as provenientes do ‘saber imediato’ (intuição) e do ‘entendimento’ (intelecto analítico)”. (COUTINHO, 2010, p.28)

Quanto ao irracionalismo, definido por Lukács como a destruição da razão - o qual rejeita o papel da razão enquanto instrumento de compreensão e transformação da realidade social, legado da Ilustração<sup>6</sup>, substituindo-a pela intuição - Lukács, em sua obra *A destruição da razão*, o apresenta como um desdobramento da decadência ideológica, sendo seu primeiro momento importante a luta contra a concepção idealista, dialético-histórica, do progresso. “[...] é o caminho que vai de Schelling a Kierkegaard e é, ao mesmo tempo, o caminho que conduz a reação feudal provocada pela Revolução Francesa a hostilidade burguesa contra a ideia de progresso.” (Lukács, 1959, p.5)

No pós-1848, a ideologia do proletariado passa a ser o alvo dos ideólogos burgueses, assim como o materialismo dialético e histórico. Esse será o quadro que propiciará o subsequente surgimento do irracionalismo. Conforme Lukács, Nietzsche foi seu primeiro e principal expoente. Nesse sentido, Lukács esclarece que essas duas etapas do irracionalismo vão de encontro às conquistas progressistas alcançadas em seu tempo. De acordo com Lukács, o nível filosófico de um ideólogo é constituído mediante a sua aptidão de imersão nos problemas do seu tempo, segundo a sua habilidade de elevação à mais alta abstração filosófica, " [...] de la medida en que las posiciones de la clase cuyo terreno pisa le permitan ahondar hasta lo más profundo de estos problemas y llegar hasta el final de ellos " (Lukács, 1959, p.7) No caso dos filósofos irracionalistas, essa capacidade de aprofundamento fica comprometida pela inaptidão de elaboração de qualquer crítica, considerando inclusive a incapacidade de uma séria refutação de seus adversários.

## **2.2 Pós-modernidade: “lógica cultural do capitalismo tardio”**

Embora o termo pós-modernidade tenha sido referencial para distintos significados em disputa, foi somente após a publicação da obra *A condição pós-moderna*, de Lyotard em 1979, que a pós-modernidade se consolidou como cultura do capitalismo, e, portanto, o pensamento pós-moderno adentra

no campo do conhecimento, da política, da estética, sendo responsável pela produção de vasta bibliografia preponderantemente apologética.

Nessa obra, assegurava-se que o advento da pós-modernidade estava relacionado a uma sociedade pós-industrial, a qual tinha no conhecimento sua mais importante força econômica de produção. Por isso, a sociedade não podia mais ser compreendida como um todo orgânico, tampouco como luta de classes, mas sim como uma rede de comunicações linguísticas. Na mesma linha, a ciência foi transformada em um jogo de linguagens, sem poder reivindicar a posição hegemônica sobre outras formas de conhecimento, como o fizera na modernidade. A verdade é reduzida ao desempenho. A ciência a serviço do poder encontra uma nova legitimação na eficiência. As metanarrativas passam a ser descredibilizadas e substituídas pelas pequenas narrativas.

Lyotard militou por 10 anos no grupo socialismo ou barbárie. Após ter se convencido que o proletariado não seria mais capaz de desafiar o capitalismo, ainda participou da movimentação universitária de 1968, mas posteriormente suas ideias mudaram. O pensamento de Lyotard a respeito das novas condições de não ofensividade do proletariado frente ao capitalismo é a expressão de um movimento que ficou conhecido como nova esquerda, no pós-68, que de acordo com Harvey (2000):

A nova esquerda preocupava-se com uma luta para libertar-se das algemas duais da política da velha esquerda, particularmente em sua representação por partidos comunistas tradicionais e pelo marxismo "ortodoxo", e dos poderes repressivos do capital corporativo e das instituições burocratizadas (o Estado, as universidades, os sindicatos, etc.) Ela via a si mesma, desde o começo, como uma força cultural e político-econômica, tendo ajudado a produzir a virada para a estética que o pós-modernismo representava. (p.319)

De acordo com Rodrigues (2006), embora essa nova esquerda seja heterogênea, ela se constitui por um aspecto comum, a saber, o desmantelamento da herança crítica do período da Ilustração, a qual propiciava subsídio ídeo-teórico inspirador para a luta democrática e socialista. Com isso, a nova esquerda espalhou-se tanto pelas vertentes conservadoras quanto pelas críticas da filosofia moderna. Essa nova esquerda, de acordo com Rouanet (1987), configura-se a partir de uma nova forma de irracionalismo, um neo-

irracionalismo de tipo pós-moderno, cuja peculiaridade é que sua vinculação não mais restringe-se ao posicionamento político de direita, mas adentra no campo da esquerda. Desenvolve-se um repúdio a razão por estar vinculada ao poder:

A razão não é mais repudiada por negar realidades transcendentais - a pátria, a religião, a família, o Estado -, e sim por estar comprometida com o poder. O novo irracionalismo se considera crítico e denuncia um status quo visto como hostil a vida. A partir de uma certa leitura de Foucault, Deleuze e Lyotard, e sob a influência de um neonietzscheísmo que vê relações de poder em toda parte, ele considera a razão o principal agente da repressão, e não o órgão da liberdade, como afirmava a velha esquerda." (p.11-12)

Conforme Rouanet (1987), uma vertente mais elaborada no interior do que ele considera consciência de ruptura é a desenvolvida por Frederic Jameson, que já em 1972 era considerado o maior crítico literário marxista do mundo. Jameson compõe o ensaio Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio, de 1997, o qual inaugurou fundamental base heurística para o entendimento das expressões culturais contemporâneas. Apesar de haver semelhanças no modernismo e no pós-modernismo, a estética do primeiro abarcava tendências refratárias à produção de mercadorias, enquanto que a estética pós-moderna - fruto de uma integração da produção estética à produção de mercadorias em geral - está imbuída na lógica reificante do capital. Contudo, ainda que os fundamentos do pós-modernismo fossem semelhantes aos da modernidade, esses dois momentos, ainda assim, não seriam semelhantes se for levado em consideração a sua função na sociedade e seu significado, tendo em vista a sua inserção no capitalismo tardio.

Conforme Jameson, o pós-modernismo, tanto o de celebração quanto o de denúncia, tem semelhança com a modernidade no sentido de indicar sinais de uma nova sociedade, de novas características. No caso do pós-modernismo propaga-se o nascimento de uma sociedade denominada como pós-industrial (Daniel Bell), como visto acima, a qual não se encontraria mais sob o jugo do capitalismo clássico, constituído a partir de uma luta de classes.

Foi inspirado na obra de Ernest Mandel, Capitalismo tardio, que Fredric Jameson passa a compreender o pós-moderno como inseparável da dimensão econômica, pois até a década de 1980 sua crítica era basicamente literária.

Referenciando-se, portanto, nessa obra, Jameson declarará que a pós-modernidade corresponde à terceira fase do capital.

Com efeito, para Jameson (1997), o pós-modernismo vai além de um estilo estético, constitui-se como uma concepção histórica, e, portanto não seria opcional como a escolha estética, tendo em vista que trata-se para ele de uma dominância cultural da lógica do capitalismo tardio, diante da captação da produção cultural contemporânea pela economia capitalista. Nesse sentido, Jameson esclarece que diante da necessidade progressiva do capital de produção de novos produtos e novos serviços, gesta-se um ambiente cada vez mais favorável a produção cultural que seja inovadora na estética e experimental. A arquitetura é um exemplo dessa necessidade, por ser a arte que encontra-se mais próxima ao econômico terá impulsionado o desenvolvimento de novos estilos, como pode-se observar na arquitetura pós-moderna, sob o patrocínio de empresas multinacionais.

Para Rouanet (1987), há que se questionar se tais mudanças de fato significam uma ruptura efetiva com a modernidade, como o querem os que se auto-intitulam pós-modernos, pois considera que as tendências "pós-modernas" em voga já estavam presentes na modernidade, seja de forma plena ou embrionária. Assim, no que diz respeito à economia, por exemplo, Rouanet esclarece que o capital já nasce pós-industrial. Quanto à política, a emergência de novos atores e movimentos sociais seria a realização de uma tendência esperada do liberalismo moderno, cuja cultura de direitos resulta na ampliação dos mesmos, promovendo, conseqüentemente, o surgimento de novos protagonistas. Já no âmbito filosófico, Rouanet ressalta ser, na realidade, moderna a crítica à modernidade. O que Rouanet procura evidenciar é que na realidade, o que a consciência pós-moderna procura é a superação de aspectos tidos como críticos da modernidade, "[...] Ela quer exorcizar uma modernidade doente, não construir um mundo novo" (Idem, p.25).

O programa da pós-modernidade é constituído por uma polissemia que, segundo Rouanet (1987), impõe-se como um entrave para definir-se uma conclusiva concepção, seja no que se refere à temporalidade, pelo enfrentamento de uma indefinição se o pós-moderno deve ser considerado um



fenômeno arcaico ou atual, seja pela sua extensão, se é restrito à arquitetura e à arte ou se alcança a totalidade cultural, ou por outras dimensões da vida social, enfim, o que há é uma generalizada semântica que envolve esse termo. Apesar disso, o que se identifica como ponto comum para as mais variadas concepções a respeito do pós-moderno é o afastamento da modernidade.

Netto (2010), baseado em Boaventura de Souza Santos, aponta para a diferenciação dos pensadores pós-modernos em dois grupos, os de oposição, que intencionam ser críticos a ordem do capital, e os de “celebração”, “aqueles que Habermas chegou a qualificar como neoconservadores, expressamente convencidos de que a sociedade burguesa constitui a paragem final da história (por exemplo, Lyotard)” (Netto, 2010, p.261) Já no campo teórico, Netto ressalta a heterogeneidade das teorias pós-modernas e destaca seus elementos semelhantes:

a) aceitação da imediaticidade com que se apresentam os fenômenos socioculturais como expressão de sua inteira existência e do seu modo de ser; assim, de uma parte, tende-se a suprimir a distinção clássica entre a aparência e essência e, sobretudo, a dissolver a especificidade das modalidades de conhecimento - donde, por consequência, a supressão da diferença entre ciência e arte e a equalização do conhecimento científico ao não científico; b) a recusa da categoria de totalidade - uma dupla recusa: no plano filosófico, a recusa se deve à negação de sua efetividade; no plano teórico, recusa de seu valor heurístico, ora porque anacronizada em face das transformações sociais contemporâneas, ora porque se lhe atribuem (ilegitimamente) conexões diretamente políticas - ou pelas duas ordens de fatores; c) a semiologização da realidade social: o privilégio (quase monopólio) concedido às dimensões simbólicas na vida social acaba por reduzi-la, no limite, ou à pura discursividade ("tudo é discurso") ou ao domínio do signo e/ou à instauração abusiva de hiper-realidades. (NETTO, 2010, p.262)

Conforme Rodrigues (2006), embora esse descortinamento dos processos históricos que engendraram o espraiamento do conceito do pós-moderno a diferentes áreas, especialmente no que diz respeito às ciências humanas e sociais, sejam importantes, eles são insuficientes para uma análise dos fundamentos político-econômicos que lançaram o pós-modernismo a um lugar de destaque na produção cultural do capitalismo a partir da década de 1970.

### **2.3 Serviço Social e transformações sociais**

Considerando que conjunturas de rápidas e intensas transformações societárias são conhecidas por serem campo privilegiado para alterações profissionais - por atingirem diretamente a divisão sociotécnica do trabalho, implicando modificações em seus variados níveis -, está posto para nós um importante desafio teórico-analítico, a saber, a análise e a compreensão dos impactos dessas transformações sociais sobre as profissões, investigando a determinação das mediações que as relacionam com a totalidade dessas mudanças sociais. É nesse sentido que procuraremos refletir acerca de algumas implicações do processo em tela sobre o Serviço Social. (NETTO, 1996)

A passagem dos anos 1980 aos anos 1990 marca grandes avanços alcançados pelo Serviço Social no Brasil, o qual na década de 1990 pode ser considerado uma profissão praticamente consolidada - devido à conquista da representatividade, desenvolvimento de elaborações teóricas próprias, aumento do número de profissionais, assim como tantos outros avanços conquistados desde a sua origem. Contudo, essa passagem também é emissária da conjugação de velhas problemáticas com as que estão em desenvolvimento.

Dentre as atuais problemáticas, a primeira refere-se à legitimidade social da profissão. Conforme Iamamoto (1991), tal crise está vinculada às naturezas distintas e opostas das demandas que são colocadas aos profissionais. De um lado a classe dominante, em face do conservadorismo ligado à profissão e do outro a população usuária dos serviços, a maioria compondo os segmentos mais pauperizados da classe trabalhadora. Essa problemática permanecia a mesma na década de 1990, embora com novas configurações no quadro profissional, principalmente após o intenso movimento de luta contra o conservadorismo no Serviço Social, a qual, no entanto, não estabeleceu uma “nova legitimidade” para a profissão junto às classes subalternizadas.

Em seus apontamentos sobre o Serviço Social na quadra dos anos noventa, Netto (1996) destaca ainda a importância da formação profissional, limitada pelo sucateamento da universidade pública, dentre outros elementos que empobrecem esse processo na vida do futuro assistente social; enfatiza

sobretudo, a centralidade dos parâmetros ídeo-políticos e teórico-culturais que mais se destacam no campo profissional.

Nos anos oitenta consolidou-se um importante avanço no campo ídeo-político na luta contra o conservadorismo, tendo iniciado na primeira metade da década de 1970, sob vigência da *autocracia burguesa*, o movimento conhecido como “intenção de ruptura” com o Serviço Social “tradicional” - cuja emergência inicial se constitui com o “Método Belo Horizonte”, “*resultante de experiências e formulações efetivadas entre 1972 e 1975 por um núcleo docente da Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Minas Gerais [...]*” (Netto, 2010, p.159). Embora não represente o fim do conservadorismo no interior da categoria profissional, significa que “*posicionamentos ideológicos e políticos de natureza crítica e/ou contestadora em face da ordem burguesa conquistaram liberdade para se expressarem abertamente*” (NETTO, 1996, p. 111) o que é de grande relevância, especialmente para uma profissão marcada por uma intolerância introjetada pelo doutrinário católico. Portanto, a partir da intenção de ruptura “*democratizou-se a relação no interior da categoria e legitimou-se o direito à diferença ídeo-política*” (Idem)

Também foi nos anos 1980, a partir da maturação da “intenção de ruptura”, que a profissão alcançou a sua maioria no que tange à elaboração teórica, com a formação da intelectualidade do Serviço Social no Brasil, fortemente marcada pela tradição marxista, que propiciou grande credibilidade a essa elaboração teórica emergente e possibilitou a interlocução com outros profissionais.

Ante ao fortalecimento dos segmentos inspirados na teoria marxista, as demais correntes intimidaram-se por não encontrarem condições para se manifestar amplamente. Construiu-se assim, conforme Netto (1996) “*uma cultura profissional politizada à esquerda*”. Entretanto, as bases dessa hegemonia teórico-cultural passam a sofrer deslocamentos no decorrer da década de 1990, a partir de elementos que atingiram o mundo capitalista, a saber, a repercussão que o colapso do socialismo real causou nas esquerdas, a ofensiva do neoliberalismo, dentre outros.

Um elemento que teve importante peso para esse deslocamento foi “*a inflexão que se registra nos meios acadêmicos com a maré-montante da pós-*

*modernidade (notadamente em sua versão conservadora)” (NETTO, 1996, p.114), a qual alcança a razão dialética e a iguala à miserável racionalidade positivista, “[...] o humanismo marxista é acoimado de ‘eurocêntrico’; a perspectiva da totalidade [...] é equalizada à ‘vontade totalitária’ [...] a ênfase na macroscopia social é catalogada como discurso generalizante[...]” (Idem) Portanto, a pós-modernidade constitui-se, dentre outros elementos, pela análise fragmentada do real, não ontológica, incorrendo numa superficialidade que não a permite ultrapassar as expressões empíricas do real, e, conseqüentemente corrobora para a afirmação da positividade da ordem do capital.*

Nessa esteira, Santos (2007) enfatiza que o Serviço Social é marcado historicamente por uma tendência antimoderna - propiciada pela conexão entre sincretismo<sup>7</sup>[5] ideológico e científico - cuja origem pode ser identificada no programa da antimodernidade de natureza católica - contrário à secularização, liberdade de pensamento, etc, que se opunha simultaneamente ao liberalismo e ao socialismo, derivados da modernidade. Na contra-mão dos valores da modernidade, o Serviço Social tinha como horizonte de sua ação a promoção da aceitação das desigualdades sociais, o disciplinamento da classe trabalhadora necessário para a exploração da força de trabalho, seguindo uma lógica de controle da vida política, econômica, intelectual dos setores dominados.

Por fim, a transição entre essas duas décadas é marcada, quanto aos parâmetros teóricos, pela manifestação formalizada da crítica às correntes marxistas no interior do Serviço Social. No entanto, ela não é apresentada de forma direta ao marxismo, considerando a sua importância para os avanços da profissão, mas direciona-se à ortodoxia – por considerarem o pensamento marxista dogmático, e às “lacunas” nas elaborações teóricas marxistas do Serviço Social brasileiro, fazendo referência à produção dos anos 80, por não ter sido direcionada a um vasto leque de objetos como gênero, violência,

---

<sup>7</sup> Em sua tese sobre o sincretismo, José Paulo Netto assevera o quanto o Serviço Social brasileiro é constituído por um caldo cultural composto pela antinomia entre a teoria social de Marx e o pensamento conservador.

cultura, mas o fazem insinuando uma incapacidade dessa vertente no enfrentamento desses debates.

Quanto ao Serviço Social, Santos (2007) aponta para a tendência de reprodução da crítica da pós-modernidade ao ideário moderno no interior da profissão, cuja constituição impregnada de elementos antimodernos se manifestam ídeo-teoricamente no conservadorismo, o qual constitui-se como o fio condutor da aproximação pós-moderna regulada pelo sincretismo e sua ausência de reservas críticas. No contexto de crise do capitalismo, a tônica dominante junto à categoria profissional tem sido o tratamento acrítico de requisições do mercado de trabalho no sentido de reforçar a setorialidade.

O recebimento acrítico das referidas requisições levam ao desenvolvimento da procura por atualização teórico-instrumental referente aos espaços de atuação do Serviço Social, porém, analisados isoladamente. Diante da hegemonia pós-moderna, e de sua lógica fragmentária, há a propensão de propagação de materiais que embasarão esse tipo de resposta. Conforme Santos (2007), há uma grande possibilidade de expansão dessa tendência, levando em conta a prevalência na cultura profissional das preocupações “microsociais”, além da consequente “microintervenção”.

Nesse sentido, Netto (1996) salientou que embora essa dominância tenha sido abalada, mas não exterminada, com a introdução do *Desenvolvimento de Comunidade* e em seguida com os questionamentos característicos do *Movimento de Reconceituação*, atualmente gesta-se a probabilidade de tais elementos serem reavivados, indicando um perfil profissional tecnicista, acrítico e conservador, pautando-se na aceitação da positividade capitalista. Além da vulgarização das teorias originais, traço que foi reforçado com a pós-modernidade. De modo geral, os rebatimentos da pós-modernidade no Serviço Social e nas ciências sociais se dão de forma semelhante. O tema central do debate permanece sendo a crítica à teoria social de Marx - que é reduzida a fim de comprovar sua insuficiência na realidade.

A particularidade da pós-modernidade na profissão quanto a sua crítica ao marxismo é que no Serviço Social há uma apropriação de ambos os referenciais no interior tanto do conservadorismo quanto do sincretismo, o que

resulta na compreensão da universalidade como estruturalismo e da totalidade como totalitarismo por exemplo.

Nesse ínterim, ainda no que se refere à aproximação pós-moderna à profissão, são identificadas diferentes propriedades existentes nas duas vias em questão: há um segmento que a realiza a partir de um viés conservador, que ao rejeitar a teoria marxista se atualiza absorvendo os preceitos pós-modernos. Aqui, Santos (2007) identifica uma crítica que imprime uma deslegitimação não só no âmbito teórico-metodológico, mas também em relação à direção ético-política construída e afirmada contra o conservadorismo. E, há ainda, o segmento que reivindica o marxismo, mas realiza a crítica do mesmo sugerindo a superação de lacunas em temas da cotidianidade contemporânea a partir de uma “superioridade” explicativa possibilitada pelos “paradigmas pós-modernos”. Essa corrente, situada na polêmica teórico-epistemológica e operativa e de âmbito ídeo-político, apesar de não desqualificar o projeto ético-político em sua totalidade, expressa uma disputa pela hegemonia no interior da categoria profissional de cunho reformista “[...]em que as mediações do direito burguês, especialmente sua concepção de democracia e cidadania, não são valores instrumentais e sim universais, ou seja, perdem o seu caráter de mediações e passam a ser finalidades da ação profissional” . (SANTOS, 2007, p.88)

### 3. CONCLUSÃO

Compreendemos, na realidade, que o conceito “pós-moderno”, tal como “pós-industrial”, dentre outros, são expressões ideológicas das profundas transformações que ocorreram no capitalismo contemporâneo, a partir dos anos 1970. Diante da diversidade de novos processos que vivenciamos desde então - como a mudança nos padrões de produção, de consumo, a emergência de uma nova percepção do espaço e do tempo, dentre tantas outras - tem-se a sensação de termos ultrapassado a modernidade, levando-se em consideração esse “mundo novo”. Mundo esse que “[...] resulta da ofensiva do capital sobre o trabalho e, por isso mesmo, significa uma regressão social quase inimaginável há trinta anos” (Netto e Braz, 2006, p.237), que significa, também, o retorno a formas de exploração que se acreditava que o capitalismo havia superado, e,

ainda na retórica de que vivemos em uma sociedade de consumo - se considerarmos grandes frações da população mundial que vivem sob condições de miséria e extrema miséria.

Dessa forma, assim como Santos (2007), consideramos ser a sua construção inesgotada, na medida em que a modernidade ultrapassa a representação de um estilo e constitui-se como um projeto civilizatório, o qual teve interrompida parcela de basilares proposições em seu processo de efetivação histórica, sobretudo após o advento da decadência ideológica da burguesia, limitando-se, dessa forma, a proposição de caráter emancipatório. A pós-modernidade, ao instituir-se como a lógica cultural do capitalismo mostra-se incapaz de ultrapassar a aparência reificada e fragmentada do real, considerando-se que ela encontra-se afundada na lógica mercantil do capital e de seu fetichismo.

No âmbito político, conforme visto acima, emerge um movimento político de questionamento das formas tradicionais de articulação política, denominado como *nova esquerda* que se referencia como uma força de renovação cultural e política, que contribui para a mudança estética expressa pelo pós-modernismo. (HARVEY, 2000) Em que pese a distinção no interior da nova esquerda, a de oposição que busca contestar à ordem capitalista e a de celebração, nela cultiva-se um aspecto comum, a dissolução da herança crítica do período da Ilustração, que proporcionara um subsídio ídeo-teórico de inspiração para a luta democrática e socialista. Além disso, gesta-se um espraiamento do neo-irracionalismo na nova esquerda, tanto pelas vertentes conservadoras quanto pelas críticas da filosofia moderna. O neo-irracionalismo, cuja particularidade é seu alastramento na esquerda - em sua nova configuração qualificada como nova esquerda - institui-se como o eixo fundamental do pós-modernismo, que dará sustentação não somente à semiologização do real, mas também à censura à totalidade. Nesse sentido, é comum que se encontre nas elaborações de autores pós-modernos uma aparição sincrônica do racionalismo formal e do irracionalismo.

Portanto, trata-se de uma esquerda conservadora que direciona seus esforços mais para a oposição à teoria e à práxis revolucionária do que para a superação da ordem capitalista. Ao investir na promoção de visibilidade das lutas que tratam das particularidades de diferentes grupos sociais, substituindo

ou lateralizando o questionamento da propriedade privada dos meios de produção, essa nova esquerda problematiza não a exploração de classes, e sim o racionalismo. Dessa forma, atacam o legado iluminista ao invés das prerrogativas da produção capitalista, como o produtivismo e a competição, conseqüentemente, entibiando a vitalidade das potencialidades de contestação da ordem do capital. (RODRIGUES, 2006)

Por fim, torna-se evidente o quanto essa nova esquerda pós-moderna - cuja pretensão de ser alternativa ao socialismo e também a social-democracia, negando tanto a Revolução, quanto um projeto sócio-político de implementação de reformas - que se afastou do proletariado ao negar a existência da luta de classes, que encontra-se imersa no neo-irracionalismo configura-se como uma nova forma de conservadorismo, um neoconservadorismo porque incapaz de ultrapassar a aparência reificada da factualidade, colaborando para a afirmação da positividade da ordem do capital.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. "Balanço do Neoliberalismo". In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (Orgs.). **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado Democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

\_\_\_\_\_. **As origens da pós-modernidade**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

CHESNAIS, François. Mundialização: o capital financeiro no comando. **Revista Les Temps Modernes**, 607, 2000. Disponível em: <http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%CC%A7a%CC%83o-5-Artigo-02.pdf> Acesso em: 30 mar. 2017.

COUTINHO, Carlos Nelson. **O estruturalismo e a miséria da razão**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

ESCORSIM NETTO, Leila. **O conservadorismo clássico: elementos de caracterização e crítica / Leila Escorsim Netto**. - São Paulo: Cortez, 2011.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 9. ed. São Paulo, Edições Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_. **O Neoliberalismo: história e implicações**. Tradução: Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2008.



\_\_\_\_\_. **Os limites do capital.** São Paulo: Boitempo, 2013.

IAMAMOTO, Marilda V. **Serviço social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. IAMAMOTO, M. **A mundialização do Capital, “questão social” e Serviço Social no Brasil.** In Revista Em Pauta: nº 21, Rio de Janeiro, Faculdade de Serviço Social – UERJ, junho/2008, pp.117-139.

\_\_\_\_\_. **O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional.** 20.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_; CARVALHO, Raul. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil.** Esboço de uma interpretação histórico- metodológica. São Paulo: Cortez, 1991.  
JAMESON, F. "Periodizando os anos 60". In: HOLLANDA, H. B. de (Org.). **Pósmodernismo e Política.** Rio de Janeiro, Rocco, 1992.

\_\_\_\_\_. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio.** São Paulo, Editora Ática, 1997.

NETTO, J. P. **Capitalismo e reificação.** São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.

\_\_\_\_\_. **Capitalismo monopolista e serviço social.** São Paulo: Cortez, 1996.

\_\_\_\_\_. Razão, ontologia e práxis. **Revista Serviço Social e Sociedade**, n. 44, abr. 1994.

\_\_\_\_\_. **Transformações societárias e Serviço Social:** notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil. Serviço Social e Sociedade. São Paulo: Cortez, n. 50, 1996.

\_\_\_\_\_. **Posfácio.** In: O estruturalismo e a miséria da razão. São Paulo: Expressão Popular. 2010.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia política: uma introdução crítica.** São Paulo: Editora Cortez, 2006.

RODRIGUES, Mavi. **Michel Foucault sem espelhos: um pensador proto pós-moderno.** Rio de Janeiro: UFRJ/ESS, 2006.

ROUANET, Sergio Paulo. **As Razões do Iluminismo.** São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

SANTOS, Josiane Soares. **Neoconservadorismo, pós-moderno e Serviço Social brasileiro.** São Paulo, Cortez, 2007.

SOARES, Laura Tavares R. **O desastre social: os porquês da desordem mundial. Mestres explicam a globalização.** Rio de Janeiro: Record, 2003.

TEIXEIRA, Francisco J. S. O neoliberalismo em debate. In. TEIXEIRA, Francisco. J. S.; OLIVEIRA, Manfredo A. de. (Orgs.). Neoliberalismo e reestruturação produtiva: as novas determinações do mundo do trabalho. 2. ed. São Paulo: Cortez; Fortaleza: UECE, 1998.

WACQUANT, Loïc. **Punir os pobres**: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos. Trad. Sérgio Lamarão. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan; Instituto Carioca de Criminologia, 2007.